

Aparecida: significados pastorais para a Igreja no Brasil

Francisco das Chagas de Albuquerque (FAJE)

RESUMO: Os 300 anos da descoberta da imagem de Aparecida são favoráveis para uma reflexão profunda sobre o sentido antropológico, espiritual e pastoral desta devoção. Partindo da comparação entre a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, que representa o encontro dos indígenas com o cristianismo, que eles assumem como sua religião, Aparecida, sendo encontrada por pescadores, mas sendo uma imagem negra, recorda a escravidão no Brasil, e os povos submetidos a todo tipo de injustiça no país. Importância de redescobrir os vários significados da devoção para a Igreja institucional, mas sobretudo na vida do povo simples.

PALAVRAS-CHAVE: Aparecida, devoção popular, pastoral.

Introdução

A comemoração dos 300 anos do encontro da Imagem da Imaculada Conceição no Rio Paraíba do Sul enseja a reflexão e o debate sobre sua relevância para a vida dos cristãos e a missão da Igreja no Brasil.

O tema deste colóquio por sua atualidade e relevância quer ser uma contribuição para a reflexão teológica e pastoral de modo a subsidiar a ação pastoral a partir da prática eclesial que leva em conta a importância do fato Aparecida. Nos pontos que seguem, tendo a ajuda de alguns estudos da religiosidade popular e recorrendo-se a textos do magistério da Igreja, inclusive das conclusões da conferência de Aparecida, mostraremos alguns significados pastorais de Aparecida.

1. Aparecida e outras manifestações marianas

A abordagem dos significados teológicos pastorais da história da realidade de Aparecida não pode ser feita sem considerar outras manifestações e aparições marianas e suas consequências ao redor do mundo. Especialmente temos de lançar um olhar sobre o contexto latino-americano, e muito particularmente a aparição de Guadalupe. A história que nos foi narrada dá conta da miséria dos indígenas afetados pelas condições e vida em meio ao projeto colonizador. Aqui se tem uma dupla mensagem: expressão da miséria dos índios latino-americanos e o protesto contra essa miséria. No fato Guadalupe configura-se uma reviravolta copernicana. A coletividade indígena representada por Juan Diego já não seria mais apenas receptora passiva da doutrina religiosa, mas os nativos passariam a agentes ativos na construção da nova religião. Elimina-se a pura subserviência dos súditos aos patrões e os súditos emergem como parceiros iguais numa comum busca. A aparição da “morenita” a Diego comporta uma carta ética importante. “É a exigência de se fazer cumprir o respeito absoluto ao outro, de acolher de fato e de direito sua transcendência, no respeito à vida” (CALIMAN, 1989, p. 135). A completa mudança nas relações de poder se manifesta pelo uso da língua dos nativos pela Virgem. A proteção que a proximidade da Mãe de Jesus expressa que está do lado do mais fraco, tornando-se aliada do índio coletivamente e da cultura oprimida. Diferentemente da relação do colonizador com o índio, A Virgem assume e ama este como filho, por isso o reveste de coragem para combater em favor de sua própria gente frente às autoridades eclesiásticas. Atender seu pedido significava afirmar a identidade de um povo. “A aparição da Virgem de Guadalupe e a crescente devoção que dela advém têm o importante papel de devolver a um povo explorado uma identidade religiosa que vai ajudar na construção de uma nova identidade nacional” (*ibid.*, 136).

Com as devidas mudanças, *mutatis mutandis*, se pode considerar Aparecida, no contexto brasileiro do período colonial, sob o regime de padroado e época de escravização dos negros. Uma vez a Imaculada Conceição foi achada como negra no fundo do rio Paraíba do Sul, de modo análogo à aparição de Guadalupe, significa que Maria desaprova o regime de escravização. “Desde então, a Virgem Negra, a Aparecida para os pobres, faz parte do patrimônio inalienável dos negros discriminados e marginalizados do Brasil” (*ibid.*, 136). Aos índios e negros, grupos étnicos oprimidos naquele momento da história e ainda hoje, juntam-se muitos outros grupos de marginalizados que agora se manifestam

com mais força. A conferência de Puebla mostrou um quadro formado por “feições concretíssimas” de empobrecidos: crianças, jovens, indígenas, camponeses, operários, subempregados e desempregados, marginalizados e amontoados nas ruas, anciãos (Pb 31-39). E Aparecida lembra a situação de muitas mulheres hoje, dizendo: “é urgente escutar o clamor, muitas vezes silenciado, de mulheres que são submetidas a muitas formas de exclusão e de violência em todas as suas formas e em todas as etapas de suas vidas. Entre elas, as mulheres pobres, indígenas e afro-americanas têm sofrido dupla marginalização” (DAP 454).

2. Traços históricos da relação Aparecida e o poder político e eclesiástico

Em 1931, o Cardeal Leme realizou a consagração da nação brasileira à Virgem Negra, que foi declarada “Rainha do Brasil”. Nesse ato, realizado no Rio de Janeiro estavam presentes grande multidão e representantes do Governo Federal. O regime apercebeu-se do poder ascendente e social da Igreja Católica. No momento seguinte, levou muito a sério essa força da instituição eclesiástica. Neste sentido, o historiador José Murillo de Carvalho, estudioso do imaginário republicano, escreveu: “Por mais problema que também seja a capacidade de Aparecida de representar a nação, ela sem dúvida, supera em muito a de qualquer outra figura feminina, ou mesmo de quase todos os símbolos cívicos” (CARVALHO, 1990, p. 94).

A história diz ainda: ao seu lado (de Tiradentes, o herói-símbolo da nação), talvez seja ainda a imagem da Aparecida a que consiga dar um sentido de comunhão nacional a vastos setores da população (...) Tiradentes esquadreado nos braços da Aparecida: eis o que seria a perfeita *pietà* cívico religiosa brasileira. A nação exibindo, aos pedaços, o corpo de seu povo, que a República ainda não foi capaz de reconstruir” (ibid., p. 141-142).

Internamente ao âmbito religioso popular há limites na equação Aparecida=Brasil. Em primeiro lugar, a devoção popular a Aparecida é distinta daquela de Guadalupe no México, pois aqui a ligação entre a nação em seu todo e a Santa não é tão forte quanto naquele país. Em segundo lugar, em nosso país existem outros santuários que têm bastante afluência de devotos: Bom Jesus da Lapa, Círio de Nazaré, Francisco das Chagas de Canindé e Divino Pai Eterno em Goiás (BOFF, 1995, p. 30).

Ante a figura cívico-religiosa de Aparecida há ambiguidades: “do ponto de vista sociopolítico revelam-se contradições, mas se oculta a sua estrutura social e, dessa maneira, se encontram também as possíveis soluções eficazes” (BOFF, 1995, p. 34).

O magistério da Igreja deu especial atenção à piedade popular mariana sobretudo através da Exortação apostólica do Papa Paulo VI *Marialis cultus* sobre a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. O número 37 destaca que

se pode descobrir em Maria um modelo inspirador na busca de realização de anseios do ser humano de hoje; o mesmo se pode afirmar em relação aos cristãos comprometidos na tarefa evangelizadora da Igreja. O documento chama a atenção para a importância da inspiração que Maria oferece às mulheres, o que vale também para todos os que sintonizam com a relevância da piedade popular mariana. Afirma que “Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53)”. Lembra ainda que ela “é ‘a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor’ (LG 55)” (MC 37). Maria é esta “mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2,13-23)” (MC 37). Desses dados bíblicos fundamentais para a mariologia decorrem vários significados pastorais para a missão da Igreja, pondo em evidência a figura feminina associada a Aparecida.

A propósito da “piedade popular” a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* tem uma orientação: “Antes de mais importa ser sensível em relação a saber aperceber-se das suas dimensões interiores e dos seus inegáveis valores, estar-se disposto a ajudá-la a superar os seus perigos de desvio”. Reconhece sua importância na evangelização: “Bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo” (EN 48).

3. Sentido teológico pastoral e consequências práticas da Aparecida

Em primeiro lugar destaca-se a força do feminino reconhecida nas mulheres que integram as comunidades de fé, que provocam a Igreja a acolher mais decisivamente a mulher no desenvolvimento de sua ministerialidade. Os pastores e pastoralistas podem exercitar a autocrítica considerando como superar o patriarcalismo e o androcentrismo (eclesial), que veiculam a imagem de um Deus julgador, aterrorizador e machista. O próprio documento de Aparecida registrou como proposta de ação pastoral iniciativas que levem ao desenvolvimento do “gênio feminino” (Dap 458). Uma valorização ministerial na ação pastoral para ser coerente terá que ser participada por mulheres em sentido legítimo, não como meras substitutas ou por falta de varões para assumir os ministérios. Como leigas revestidas da dignidade baptismal “derivam o dever e o direito do apostolado de sua união com Cristo-Cabeça” (AA 3). Participam do “múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo” (AA 2). Pela mesma graça baptismal são inseridas “no Corpo Místico de Cristo”, pela confirmação são fortalecidas na força do Espírito Santo “recebem do próprio Senhor a delegação ao apostolado” (AA 3).

Outro significado pastoral ancora-se no significado bíblico do Magnificat. Este cântico assinala um traço marcante da figura de Maria que é a profecia. Do fato da manifestação de Aparecida, Maria negra e encontrada por pescadores a serviço dos

brancos, sobressai fortemente um sentido de profecia. Por tudo lado, o que representa a sintonia do achado da imagem por pescadores e os sinais que se seguiram. N. S. Aparecida fala desta Maria, como discípula, que é profetisa do Reino de Deus. Por isso, a ação eclesial que pretenda levar em conta a originalidade histórica e concreta de Aparecida não pode esquecer, sobretudo hoje em nosso País, seu significado profético de comprometimento no enfrentamento de todo tipo de escravização.

Neste mesmo sentido, mas sem saudosismo ou descontextualização despropositada, a pastoral estará sempre voltada para o cotidiano das pessoas concretas na medida em que conseguir organizar-se no espírito das comunidades de base; em pequenos núcleos onde se vive a proximidade das relações humanas, fraternas, solidárias e comprometidas com a justiça na sociedade. Nas CEBs a presença de Maria vai além de sua maternidade celeste, da santidade e misericórdia. Ela é a irmã daqui debaixo, da terra, companheira de caminhada, mãe dos vitimados deste mundo. A Conceição Imaculada de Maria, chamada de “privilégio mariano”, fortalece a utopia que anima o projeto de salvação integral e sustento à esperança do povo em seu Deus. Isso nos leva a animar o espírito de esperança consciente e solidária na organização dos projetos pastorais.

4. Discernimento das práticas de piedade mariana e anúncio do evangelho

Há várias práticas de piedade motivadas por Aparecida que, como toda prática religiosa popular, têm articulação com a fé, mas têm também riscos de afastamento do evangelho. Elas são fomentadas pela organização institucional ou partem de iniciativas individuais ou de grupo em formas diversificadas, que devem contar o acompanhamento teológico e pastoral da Igreja. São várias as maneiras de expressar a confiança na intercessão da Aparecida.

A presença de grupos organizados, famílias e visitantes individuais em Aparecida envolve vários aspectos que implicam de maneira expressiva o corpo, o movimento físico corporal. Os próprios atos piedosos e devocionais (acendimento de velas, o passar ante a imagem no templo, tocar a imagem da santa) manifestam a importância da ação corporal. “A centralidade da cura do corpo demanda uma ressignificação teológica da ‘dialética entre o sofrimento corporal e a restauração do corpo’”. Tal centralidade terapêutica física vai além de “uma mera troca transacional de penitência humana por favor divino” (STEIL, 1998, p. 102). Por todos os elementos que hoje compõem as romarias ou peregrinações e/ou turismo religioso expressos através dos milhões de pessoas católicas ou não, praticantes de alguma religião ou não, que visitam Aparecida do Norte, essa experiência nos diz que se deve estar atento à importância da corporalidade, bem como do sentimento nas iniciativas pastorais.

Também urge considerar a história do catolicismo popular no Brasil. Historicamente, de modo geral, o catolicismo popular aparece marcado por centrar-se no

simbólico. O símbolo e seus apelos produzem adesão pela “via da identificação”, mais que por apoiar-se em verdades ou no que é teologicamente explicável, ao menos num primeiro momento. O símbolo, o polo emocional da religiosidade popular em geral, parece mobilizar mais que as ideias ou verdades doutrinárias que requerem uma *metanóia* através de um processo de conversão (STEIL, p. 98-99).

Outro elemento que pede discernimento teológico e pastoral na piedade mariana de Aparecida são as novas formas de crer. Uma delas, bastante presente no Brasil e que é tão criticada, também presente no contexto de Aparecida, é a emocional. Um olhar externo ao eclesial e teológico sugere que não há uma ruptura com a crença tradicional, mas se trata de uma “reinvenção do tradicional no moderno”; seria uma reinterpretação da tradição num “esforço de traduzi-la para a esfera no indivíduo” (STEIL, p. 97). Nesse sentido identifica-se a relevância da materialidade do símbolo e imagens; os fiéis vivenciam de forma sensível e pessoal tais realidades simbólicas e imagísticas. Ari Pedro Oro afirma que a religião atual se realiza através de “manifestações sensíveis e do engajamento do corpo e dos sentidos” (*apud* STEIL, p. 98). Por sua vez, Françoise Champion e Danièle Hervieu-Léger sustentam que “a religião emocional passa a ser um dos símbolos da modernidade religiosa” (*apud* STEIL, p. 98). Esse dado se constata cotidianamente na piedade mariana na invocação de Nossa Senhora Aparecida. Já em Medellín afirmava o episcopado latino-americano, quando tratou da religiosidade: “o povo precisa manifestar sua fé de uma forma simples, emocional e coletiva” (D. Medellín, p. 69). Daí a importância do elemento emocional da vida dos cristãos que praticam a piedade marial.

Acrescenta ainda um fator de cultural. A interculturalidade, pode-se dizer aqui no sentido interno, constituiu outra porta a ser considerada teológica e pastoralmente na ação eclesial. No Santuário Nacional se encontram fiéis das diversas regiões do País, que têm, cada uma, a marca da cultura de sua região própria. Aqui entrariam os conceitos de tempo e espaço. Já o papa Francisco chamava a atenção para que se dê ênfase ao tempo (processo), mais que ao espaço (o já alcançado e conhecido). Há que considerar, sobretudo, nessa diversidade e forma de vida cristã os elementos comuns culturais e religiosos existentes nos vários recantos do País e nas muitas e variadas igrejas particulares.

Conclusão

Aparecida nos chama a atenção para nossa atitude de abertura verdadeira à piedade popular mariana, frente ao predomínio racionalista de nossas propostas de evangelização, que muitas vezes é de controle das práticas populares através de estratégias ditadas pelo racionalismo. A vitalidade da piedade popular, sem esquecer que ela precisa estar sempre iluminada pela luz bíblica, carrega em si um potencial evangelizar significativo. Por isso, tanto os pastores como os teólogos “profissionais” podem se empenhar para que a ação

evangelizadora valorize esta piedade mariana. A Aparecida constitui uma referência mariana que lembra à Igreja que sua missão, fiel ao evangelho, implica compromisso e proximidade com os que são vítimas de modernas escravizações. E desta maneira a ação eclesial contribua para que se realize, efetivamente, a palavra do Filhos que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

O Ano Mariano, a encerrar-se na solenidade da Padroeira do Brasil em 12 de outubro de 2017, marca um chamado às comunidades cristãs a dar significado atual ao o simbolismo que Aparecida sugere, sempre à luz da Palavra revelada.

Referências

BOFF, Clodovis. *Maria da cultura brasileira: Aparecida, Iemanjá e Nossa Senhora da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CALIMAN, Cleto. *Teologia e devoção mariana no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989.

CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Puebla: texto conclusivo da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo: Loyola, 1980.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

ORO, A. Pedro. Modernas formas de crer. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 225, p. 39-56, mar. 1997.

PAULO VI, Papa. Exortação apostólica *Marialis cultus* sobre a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1977.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo popular tradicional e ação pastoral: desafios e perspectivas no contexto da cultura contemporânea. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 28, n. 119, p. 87-103, mar. 1998.